

ENTRE TEOLOGIA E TEOLOGISMO: TRANSFORMAÇÃO VERSUS MUTILAÇÃO NO TEXTO DE MATEUS 19:16-22

Alan Brizotti¹

Resumo

A dinâmica entre teologia e teologismo pode ser observada de modo especial no texto de Mateus 19:16-22. O objetivo deste artigo é lançar um olhar sobre essa dinâmica e aplicar algumas lições relevantes e práticas sobre a atual conjuntura do evangelicalismo contemporâneo. O artigo não é uma exegese do texto de Mateus, mas uma reflexão teológico-filosófica que busca pontuar, a partir de alguns questionamentos, os diversos modos de percepção da construção do exercício teológico genuíno em contraste com o que se pretende observar como teologismo.

Palavras-chave: Teologia; teologismo; transformação; mutilação; Mateus.

Abstract

The dynamics between theology and theologism can be observed in a special way in the text of Matthew 19:16-22. The purpose of this article is to take a look at this dynamic and apply some relevant and practical lessons about the current conjuncture of contemporary evangelicalism. The article is not an exegesis of Matthew's text, but a theological-philosophical reflection that seeks to point out, from some questions, the different ways of perceiving the construction of genuine theological exercise in contrast to what is intended to be observed as theologism.

Keywords: Theology; theologism; transformation; mutilation; Matthew.

INTRODUÇÃO

16. Aproximou-se dele um jovem e lhe disse: Mestre, que farei de bom para ter a vida eterna?

17. Ele lhe respondeu: Por que me perguntas sobre o que é bom? Somente um é bom; mas se queres entrar na vida, obedece aos mandamentos.

¹ Graduado em teologia, poeta e psicanalista. Autor de 22 livros, professor e pesquisador das áreas de teologia, filosofia e psicanálise.

18. Ele lhe perguntou: Quais? Jesus respondeu: Não matarás; não adulterarás; não furtarás; não darás falso testemunho;
19. Honra teu pai e tua mãe; e amarás o teu próximo como a ti mesmo.
20. O jovem lhe disse: Tenho obedecido a tudo isso; que me falta ainda?
21. Jesus respondeu: Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres; e terás um tesouro no céu; depois vem e segue-me.
22. Mas, ouvindo essas palavras, o jovem retirou-se triste, porque possuía muitos bens.²

Estamos diante de um texto altamente provocante: uma mistura explosiva de religião, testemunho, teologia e teologismo. O *teologismo* pode ser considerado como aqueles conceitos que deturpam a prática da teologia na vida, que se instalam como parasitas dogmáticos, extraindo a vitalidade e a alegria do exercício teológico genuíno.

O objetivo deste singelo texto não é realizar uma exegese, mas sim, lançar um olhar sobre a narrativa de Mateus, pontuada pelos vislumbres de Marcos e Lucas, a fim de refletirmos sobre a estranha correlação existente entre a teologia e os teologismos. Creio que essa dinâmica ainda se faz presente na igreja contemporânea, alimentando os males da distorção e do afastamento das grandes verdades da fé.

A narrativa de Marcos³ (cap. 10) traz alguns detalhes interessantes:

- v. 17: “... correu na direção de Jesus e pôs-se de joelhos”;
- v. 20: “... tenho obedecido a tudo isso desde a minha adolescência”;
- v. 21: “Jesus olhou para ele e o amou”.

A narrativa de Lucas (cap. 18) pontua a diferença que ainda persiste em nos separar:

- v. 18: “Certo homem importante...”

O texto bíblico, nos sinóticos, é rico em detalhes que podem nos ajudar na compreensão daquilo que diferencia uma mente teológica de outra acostumada aos

² Mateus 19:16-22, *Bíblia Brasileira de Estudo*, Almeida Século 21

³ Vou trabalhar o texto de Mateus, mas lançando olhares entre Marcos e Lucas. Optei pelo texto de Mateus por causa de sua proposta original para o povo judeu, a comunidade judaica.

automatismos, aos teologismos. São textos que exigem um olhar mais calmo, centrado, focado.

Em Mateus 19:21, Jesus usa a palavra “perfeito” (*téleios*, no grego). O termo grego pode ser traduzido por “completo, perfeito, adulto”. Interessante é que esse é um termo usado somente por Mateus entre os evangelistas.

Platão dizia que *téleios* é o que passa da realidade corpórea para o mundo das ideias (Fedro 259 c.). Os Estoicos afirmavam ser perfeito quem praticasse todas as virtudes. Na mesma linha, os escritos de Qumran descrevem o perfeito (*tamim*) como aquele que observa completamente e sem falhas a Torá.

Em Mateus, *téleios* assume sempre uma dimensão teológica. No capítulo 5:48, Mateus usa o termo quando Jesus conclama os discípulos a serem “perfeitos” como o Pai, pela capacidade de perdoar sem fazer distinção entre bons e maus, entre justos e injustos e, aqui, pela capacidade que será colocada à prova, de dar tudo aos pobres.

“Perfeito” aqui é aquele que coloca o outro em primeiro lugar, justamente como faz o Pai do céu. A teologia mira o Pai, deseja imitá-lo; já o teologismo, busca desculpas teológicas para fugir das pessoas que o Pai procura. É uma dialética da busca.

Vamos analisar algumas implicações desse dualismo perigoso entre teologia e teologismo, transformação e mutilação.

I. A PERIGOSA POSTURA DO RICO: A TRANSFORMAÇÃO DE UM CORAÇÃO DOADOR OU A MUTILAÇÃO DO ACÚMULO?

O que está em voga é o teologismo da retribuição: colocar Deus como escravo de certas lógicas. É o pensamento automático de uma divindade que reage ao jogo religioso, aos enquadramentos do rito, no melhor estilo dos amigos de Jó.

O texto nos apresenta um jovem rico, um rico bom, ou também, um jovem bom abençoado com riquezas - a mesma lógica. Embora o texto apenas o coloque em cena, pelo teologismo da retribuição, *ser bom e ser rico* acabam sendo sinônimos. A leitura teologista alimenta o velho preconceito de classe: o pobre é sempre pecador (Jo. 9): é o teologismo do bem-estar, tão difundido em nossos dias.

O jovem é rico e quer mais – quer, também, a vida eterna! Ele raciocina em termos de mercado, em termos de negócio, a velha lógica do capital: o que eu preciso

fazer para ter, em retribuição, a vida eterna? Em sua mente, é para isso que servem os mestres, para ensinar as receitas da salvação: ele quer um guru.

A pergunta é formulada dentro da ideologia do rico: *eu faço, eu recebo!* É a lógica do mercado aplicada a Deus. A mesma ideia do “Templo de Salomão”, em São Paulo – a comercialização luxuosa do sagrado. Sua busca não parece ser pela salvação, pela verdade sagrada, mas sim, pela garantia de um futuro, na antecipação angustiante do rico.

Para aquele jovem, o mestre é como um consultor financeiro da “Bolsa Celestial”, que deve dizer qual a melhor aplicação que garanta o máximo de lucro, sem margem de erros, no caso, a vida eterna: rico até no céu!

É a tentação do acúmulo em frontal colisão com a transformação em doador. O princípio que precisamos aprender aqui é basilar do verdadeiro exercício teológico: a teologia sempre nos levará à condição de doadores: doamos o que somos e o que aprendemos. Já o teologismo sempre nos tornará em miseráveis acumuladores: os braços cheios, mas o coração vazio.

A verdadeira prosperidade não está no acúmulo, mas na distribuição. O jovem do texto se aproxima e pergunta, mas não quer aprender, quer ter, quer o mecanismo que faça funcionar, a seu favor, a roda do futuro.

II. A TEOLOGIA DO BEM: A TRANSFORMAÇÃO DO OLHAR OU A MUTILAÇÃO DO FOCO?

O bem pode ser ambíguo, gerar as mais acaloradas discussões. Há um bem que pode “ser feito” e que acaba sendo reduzido a normas, preceitos, leis, mandamentos, boas ações. Mas há um bem que é “o bem”: único, completo, perfeito. O bem, na verdade, é um só, não há um catálogo que permita a escolha do bem que for mais interessante ou necessário. O problema, portanto, não está na definição do bem, mas na coragem existencial de vivê-lo.

Mais do que fazer o bem, o que conta é “ser um bem”, e isso não é a mesma coisa. É como a vida: há uma grande diferença entre “ter” a vida eterna em troca do bem feito, e “entrar” na vida eterna escolhendo viver pelo bem! É obediência!

Ricardo Barbosa escreveu algo que ilustra *bem* essa verdade:

Jesus disse: “se vocês me amam, obedecerão os meus mandamentos”. Não acho que a sentença propõe uma relação de causa e efeito. Primeiro amo e, como consequência, obedeço. A sentença simplesmente define a forma de relacionamento: se amo, obedeço. Simples assim. É possível obedecer sem amar, mas jamais amar sem obedecer. A medida do nosso amor por Deus é a medida da nossa obediência a ele.⁴

O rico caiu numa terrível armadilha do teologismo: “bom mestre” – ele chega querendo seguir a Jesus como mestre, mas não como Senhor! “Que farei de bom para ter a vida eterna?” Suas perguntas tendem ao malabarismo semântico: a demagogia do *bom* discurso para mascarar intenções outras.

Quando pergunta: “quais mandamentos devo seguir?” O que busca é a receita mais clara possível. E Jesus surpreende! Jesus sequer cita os três primeiros mandamentos, justamente os que regulam a nossa relação com Deus: a lição é clara – não há um bem que possamos fazer para Deus que nos garanta, em troca, a vida eterna.

Sobra, então, o próximo! E, nesse caso, a primeira coisa a fazer é deixar de fazer o mal: matar, roubar, adulterar, mentir, cobiçar... Mandamentos que Jesus citou. O jovem pensa em vida eterna a partir de feitos dogmáticos, estreitamentos religiosos e teatros comportamentais, mas Jesus insere gente, vidas, humanidade, pobres, necessidades, urgências. Uma teologia que não percebe a carência e não enxerga o outro, já está morta em seu simulacro, o teologismo.

Jesus vai além: “Honra teu pai e tua mãe”: nossos pais nos deram a vida sem que fizéssemos nada, sem nos pedir nada em troca. Sem exigências. Pai e mãe nos lembram os maravilhosos dias da infância, quando, em troca das nossas necessidades, gritos e choros, recebemos, gratuitamente, amor, comida e cuidado. Pai e mãe, felizes e satisfeitos só de ver o sorriso voltar aos nossos rostos. Quando Deus se revela, no Antigo Testamento, geralmente, traz a redenção do passado histórico: “Eu sou o Deus dos teus pais”. A teologia verdadeira tem uma aliança com a casa, com a família, com a honra dentro de casa, longe dos holofotes e dos palcos.

Só Mateus acrescenta um segundo olhar: “ama a teu próximo como a ti mesmo” – isso quer dizer colocar o próximo no meu lugar. Jesus nos desafia a sermos “ex-cêntricos” – a não nos colocarmos no centro. É a mesma perspectiva do Bom Samaritano (Lc. 10:25-37), o único personagem bíblico cuja ética vem antes da

⁴ BARBOSA, Ricardo. O argumento do amor. *Revista Ultimato*, Viçosa, MG, ano XLVII, N 350, p. 34, 2014

nacionalidade: ele é *bom*, e samaritano. O próximo, na teologia de Jesus, é aquele de quem *eu me aproximo*, encurto as distâncias, paro até a viagem, mas não deixo morrer na estrada do abandono.

A preocupação do rico é consigo mesmo, com a sua vida. Inclusive a eterna. Por isso, ele olha Deus, o dono da vida eterna, e olha para a lei como o meio para um fim – mas não consegue ver o próximo! Sua doença está no olhar! É o teologismo mutilado do foco: só consegue visualizar seus lucros, nunca seus irmãos.

Jesus propõe uma teologia transformadora do olhar: feito criança, olhar pai e mãe e, assim como eles fizeram conosco, colocarmos o bem do próximo em primeiro lugar. É a casa como aula, como limpeza da retina. A vida, para Jesus, não está na restrição do dogma, mas na ampliação extraordinária do afeto, da pessoa, da relação.

III. A TEOLOGIA DA CASA: A TRANSFORMAÇÃO DA CONVIVÊNCIA OU A MUTILAÇÃO DA MATURIDADE PRECOCE?

Mateus é o único a nos dizer que se tratava de um jovem⁵, ou “jovenzinho”⁶. Marcos só disse que era “alguém” (ou “um homem”); Lucas nos dirá que se tratava de um “chefe”. Este, sim, podia ter muitos bens dos quais poderia dispor. Mas um “jovenzinho”? Ele até poderia ter muitas posses, mas até quando poderia dispor dos mesmos? Seria ele um órfão herdeiro?

Um jovenzinho, entusiasmado, pode até deixar os seus bens, como fez Francisco de Assis (de verdade, sem os devaneios do entusiasmo), mas, para poder vender e doar, ele precisaria ter o efetivo domínio sobre as posses. E isso não é típico do jovem.

Gallazzi questiona: “Por que, então, Mateus, mesmo sabendo dessa aparente incongruência, fez questão de diferenciar seu texto do de Marcos e dizer que se tratava de um jovenzinho ou, até mesmo, de um “adolescente”, como traduz a Vulgata?”⁷.

⁵ Segundo Mounce, o termo usado por Mateus é *neanískos*, ou seja, um moço, alguém que está “no vigor da vida”. MOUNCE, William D. *Léxico Analítico do Novo Testamento Grego*. São Paulo: Vida Nova, 2013, p. 425.

⁶ GALLAZZI, Sandro. *O Evangelho de Mateus - uma leitura a partir dos pequeninos*. Comentário Bíblico Latino-americano. São Paulo: Fonte Editorial, 2012, p. 385

⁷ GALLAZZI, 2012, p. 385

Mateus questiona a pedagogia rabínica. Os rabinos ensinavam que a “perfeição” do *bar-mitzvá*, do filho do mandamento, do jovem adolescente, pronto para observar os mandamentos, está no cumprimento adulto e responsável da lei e das leis. O *bar-mitzvá* deixa de ser responsabilidade da mãe e passa a ser membro ativo, mesmo que em formação, da comunidade, e começa a participar do *bet-hamidrash*, a “casa do ensinamento”, sobretudo da *Torá* e do *Talmud*. O *bar-mitzvá* é, assim, o começo do processo da identificação judaica através do cumprimento dos preceitos em sua plenitude⁸.

O texto nos coloca no caminho da pedagogia de Cristo: o jovem dirige-se ao mestre Jesus para receber a instrução, e Jesus o leva de volta ao ensinamento elementar que não precisa de nenhum mestre, de nenhuma explicação elaborada, de nenhum teologismo. Leva o jovem de volta ao que aprendeu em casa – com pai e mãe – longe do amadurecimento precoce. O jovem quer correr e avistar a placa de “chegada”, mas Jesus o devolve ao início, ao básico, ao essencial.

A casa é o lugar da maior e da mais correta lição de vida: Jesus leva o jovem a se aceitar e a se reconhecer como “filho”. O filho honra pai e mãe, não somente os chefes, mestres, líderes religiosos ou autoridades. O filho ama seus irmãos, pois essa é a melhor maneira de honrar os pais. A honra vem primeiro na família, seu lócus de origem e de aprendizado.

O que Jesus sinaliza aqui é uma profunda transformação teológica: é preciso reconstruir as relações sociais, usando a casa como critério fundamental de crescimento. O jovem sabe que ainda precisa do amor da mãe e do pai, mas ao mesmo tempo, sabe que este amor nunca será só para si, pois, também sabe que pai e mãe amam igualmente seus irmãos e irmãs. Este é a revelação do bem: amor recebido, amor repartido: compartilhar, não acumular. Entrar no Reino significa viver como filhos e, por isso, como irmãos na Casa do Pai, o “Pai Nosso”.

O jovem questiona Jesus como mestre, e como mestre Jesus diz o que os outros já disseram. Diante disso, o jovem apenas é obrigado a reconhecer a armadilha do teologismo: “já faço tudo isso, mas ainda há um vazio”. O defeito do jovem é querer superar a dependência de Deus – abandonar a fase de filho – crescer rápido. “Ganhar” a vida eterna a partir de seus próprios méritos, aumentar sua lista de

⁸ GALLAZZI, 2012, p. 385-386.

conquistas. Ele quer conquistar o que de graça Deus dá aos que são filhos, quer que o teologismo garanta o que a teologia busca e propaga: paz.

A teologia da casa sempre começa com os pobres: eles vêm primeiro – e não se trata de aceitação, mas de necessidade, de urgência. Eles vêm primeiro, antes de mim, antes até mesmo do que a “minha” vida eterna. “Ame ao próximo como a ti mesmo”: ou seja, compreenda que o que é seu, é deles – santa lucidez!

Ele vai embora triste: o fato curioso do texto é que estamos diante da mesma estrada, mas com dois jeitos distintos de viajar: ele veio a Jesus porque tinha muitas perguntas (teologismos), foi embora porque tinha muitas riquezas (ir e vir com coisas demais, teologia de menos). Veio, mas não ficou. A ilusão mercadológica do “venha e ganhe” ainda seduz muita gente.

Jesus deu uma sugestão de teologia para a vida: “vai e vende tudo”: não basta o teologismo que diz “não”: “não faço o mal”, “não sou uma pessoa egoísta”, etc. É preciso dizer “sim”: sim à justiça, sim à partilha, sim ao outro. Não basta o silêncio, é preciso a fala da coragem. Jesus não aceita o teologismo que teoriza e espiritualiza a vida e o pobre, mas não age concretamente no mundo, no hoje, no outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ryle, pregando sobre esse texto disse uma verdade devastadora: “Se as riquezas se tornarem ídolos do coração, destruirão em nós o envolvimento com a teologia da graça”⁹.

Que a teologia que ousarmos viver seja transformadora das relações, para que não se torne um teologismo mutilador da história. É um grande desafio fazer a leitura correta numa era marcada por tanta distorção e narrativas que se sobrepõem ao que é fiel ao texto bíblico. A crise hermenêutica (que desemboca fatalmente na crise Homilética) tem desgastado muito do que se pretendia ser a pedagogia da nossa geração.

Carecemos, urgentemente, de uma retomada do coração de servo, que percebe o outro e evidencia o ensino do Mestre na prática da vida. O mundo precisa de uma

⁹ RYLE, J. C. *Meditações no Evangelho de Mateus*. São José dos Campos: Editora Fiel, 2011, p. 159

igreja apaixonada pela Palavra e pela vida, capaz de sinalizar o Reino do amor e da graça.

REFERÊNCIAS

Bíblia Sagrada NVI – Nova Versão Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2002.

Bíblia Brasileira de Estudo. São Paulo: Hagnos, 2016

GALLAZZI, Sandro. *O Evangelho de Mateus: uma leitura a partir dos pequeninos*. Comentário Bíblico Latino-americano. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento – Mateus Vol. 2*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2010

MAZZAROLO, Isidoro. *Evangelho de São Mateus*. Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2005.

MOUNCE, William D. *Léxico Analítico do Novo Testamento Grego*. São Paulo: Vida Nova, 2013.

Revista Ultimato. Setembro/Outubro 2014. Ano XLVII, N 350. Viçosa-MG: Editora Ultimato.

RYLE, J C. *Meditações no Evangelho de Mateus*. São José dos Campos: Editora Fiel, 2011